

ao Tnario Schenber,  
of ~~Omar Catunda~~

OMAR CATUNDA

1977

# SOBRE CULTURA E UNIVERSIDADE

SALVADOR—BAHIA  
1977

OMAR CATUNDA

SOBRE CULTURA E UNIVERSIDADES

Salvador - Bahia - 1977

## SOBRE CULTURA E UNIVERSIDADES

Omar Catunda

### I - Nível cultural brasileiro.

Em artigo escrito há alguns anos e publicado nesta revista (vol. 25,7/1973), procurei mostrar que o fenômeno "subdesenvolvimento" é, essencialmente, o do subdesenvolvimento cultural e exibi diversos exemplos de situações a que conduz a fraca densidade de pessoas cultas no seio de uma coletividade.

Muitos fatos, tristes e até deprimentes, da vida social e política brasileira se explicam pelo baixo nível de cultura de nosso ambiente. Este aspecto ambiental se impregna em cada um de nós, fazendo com que, mesmo em pessoas de indiscutível superioridade mental e cultural, se percebam, pelas opiniões e pelo comportamento, certos traços que caracterizam os "intelectuais de países subdesenvolvidos."

Comparem-se, por exemplo, dois escândalos políticos ocorridos quase simultaneamente, nos Estados Unidos e no Brasil: o caso Watergate e o caso Moreno. Ao que me consta, o presidente Nixon não chorou em público, protestando a sua inocência e a sua honradez; e, por grande que fosse o seu sofrimento, aliado ao mérito indiscutível de estadista com grande contribuição para a causa da paz, o Senado norte-americano preferiu a justiça ao sentimentalismo piegas. No Brasil, onde esse sentimentalismo é um atestado permanente de nossa baixa cultura - disfarçada pelo eufemismo "temperamento latino" - para fazer a justiça a que a maioria dos nossos senadores se esquivou, foi necessário recorrer a um ato anti-democrático, com o aplauso de toda a nação, o que causou profundo mal estar entre os amantes da democracia. Em outros casos, como o que ocorreu re

centemente em S. Paulo, diante de atos declarados de malversação do dinheiro público, a agremiação política a que pertencia o acusado, seja por sentimentalismo, seja por comodismo — em to do caso, por carência de um estrito senso de responsabilidade, que é o apanágio dos meios de alta cultura, protelou indefinidamente o indispensável policiamento interno, levando a autoridade de máxima a aplicar o mesmo ato anti-democrático para a punição do faltoso.

Essa incapacidade das agremiações civis de policiar devidamente o seu próprio funcionamento reforça a convicção dos meios militares de que só se pode governar e fazer justiça com o respaldo da força, e daí a relutância em entregar o poder a um governo que represente a nação em seu conjunto.

Lamentavelmente, a coletividade dos militares, que Freud estudou como uma das duas "multidões artificiais" (a outra é a Igreja) também apresenta as suas distorções culturais, sendo a mais frequente e mais perigosa a tendência ao abuso do poder, em todos os escalões. Além disto, a formação mental e moral dentro do princípio de autoridade — obediência aos superiores e direito de mando sobre os inferiores — torna muitos chefes militares que assumem cargos políticos um tanto ou quanto desarmados perante a versatilidade de elementos civis, nacionais ou estrangeiros, mais habituados a discussões inteiramente livres, onde, em vez da força, prevalece a destreza espiritual. Recordem-se, por exemplo, certas aposentadorias compulsórias inteiramente injusticadas e prejudiciais ao país, das quais os cientistas mais atilados facilmente perceberam as manquinações políticas subjacentes. É de notar, também, a sem-cerimônia com que as espertíssimas multinacionais se imiscuem na nossa política econômica, mesmo sem usar os processos da Lockheed, inclusive convencendo as autoridades de que um pasto ou um campo cultivado são mais úteis para o progresso de um país do que uma floresta virgem muitas vezes milenar.

Voltando ao nosso tema, é óbvio que, se houvesse entre nós maior cultura histórica e jurídica, com o conhecimento dos iluministas franceses, uma alta corte não iria fazer reviver, em pleno século vinte, o conceito de "felonia", na acep

ção que predominou até o século dezoito, quando era passível de severa punição quem quer que fizesse referências desairosas à classe dominante, que naquele tempo era a nobreza, ou que pusesse em dúvida o poder divino do rei. Para quem tenha o bom senso adquirido e cultivado em estudos, leituras e debates livres, não é concebível que a segurança de um país esteja ameaçada por discursos eleitorais ou políticos; mesmo porque hoje, no Brasil, o Poder Legislativo está profundamente castrado diante da onipotência do Executivo. E não é justo que se confunda a segurança de um país com a intangibilidade de uma classe.

Por outro lado, como em todo regime autoritário, a escolha dos auxiliares e assessores tem sido feita, em geral, menos pelo critério da competência do que pelo da fidelidade. Esta, porém, ao contrário da anterior, é bastante enganosa e nem sempre durável; daí as desilusões com elementos escolhidos e designados por merecerem a confiança de um chefe de governo imbuído do princípio de autoridade, os quais, julgando-se respaldados por essa confiança, descambam para o nepotismo ou a corrupção.

O baixo nível cultural do povo brasileiro, tomado em seu conjunto, transparece frequentemente, em todas as suas manifestações. Na política, embora existam grandes figuras, basta analisar certos debates publicados nas atas do Congresso, das Assembléias Legislativas e Câmaras Municipais, bem como ouvir certos discursos de candidatos em campanha eleitoral.

Na Ciência, embora tenha havido um notável desenvolvimento nos últimos anos, a nossa contribuição é ínfima, se comparada com a de muitas outras nações, inclusive do terceiro mundo. Ainda é comum entre nós a idéia errônea de que é possível desenvolver uma tecnologia independente sem o desenvolvimento das ciências, e sobretudo, sem a formação mental que só o estudo aprofundado das ciências pode proporcionar. O mesmo atraso se pode observar nas artes e na literatura, em que, se algumas realizações têm alcançado sucesso internacional, isto se deve, muitas vezes, mais ao caráter exótico, que constitui um atrativo para os povos saturados de alta cultura, do que mesmo ao valor intrínseco da obra de arte produzida. Somos uma

nação de mais de cem milhões de habitantes, velha de quase cinco séculos, que até hoje não foi contemplada com um prêmio Nobel.

Em quase todos os aspectos da administração, o nosso atraso é patente, seja pela má qualidade ou lentidão da maioria das realizações, seja pela deficiência de planejamento pela falta de concatenação entre as diversas repartições envolvidas, e, sobretudo, pela ausência, em muitos casos, de um controle efetivo e realístico, que ponha em confronto o que foi planejado com o que foi executado.

Estes últimos itens são a consequência de um enorme atraso em uma ciência - a Estatística - absolutamente essencial para um país de dimensões continentais, com extrema complexidade tanto na distribuição das regiões climáticas, quanto na sua população, e cujo povo está habituado a uma exagerada dependência do Estado (diferentemente dos Estados Unidos, cujo progresso e enriquecimento foram alcançados em regime de extrema liberdade de iniciativa individual). E a ciência Estatística só se pode desenvolver eficientemente na base de um grande avanço no ensino da Matemática, incluindo as ciências de computação; excetuados alguns grandes centros, a maior parte da Estatística ensinada no Brasil se restringe à Estatística Descritiva, que está para a ciência Estatística, como as taboadas e algoritmos algébricos estão para a Matemática.

Lembro aqui um depoimento que ouvi do gerente de uma grande empresa de financiamentos imobiliários da Bahia. Disse-me ele que para os seus cálculos, tinha que se valer dos dados e especificações fornecidos por empresas similares da Inglaterra e dos Estados Unidos, mal aplicáveis em nosso país, isto porque "não podia confiar em dados fornecidos pelos nossos organismos oficiais".

Aliás, até hoje a diversidade de opiniões a respeito de certos aspectos fundamentais de nossa vida política e econômica refletem a precariedade das estatísticas levantadas e de sua análise, sobre as quais se possa basear uma discussão; está nesse caso a avaliação da ingerência das multinacionais em

nossa economia. Fala-se em estatização e desestatização, sem que se tenha feito uma análise profunda, científica (e portanto indiscutível) da distribuição de encargos e de rendas de todas as empresas que operam no país.

Reafirmo aqui uma declaração que tive oportunidade de fazer em uma intervenção ao fim de um debate na reunião da SBPC realizada em Recife, referindo-me à "poluição cultural que assola o país: "Uma das maiores desgraças da espécie humana é que uma região riquíssima do globo está entregue a um povo de baixo nível cultural"; referia-me à Hileia Amazônica, que continua a ser impiedosamente devastada pela ganância imediatista dos concessionários, sob a complacência ou cegueira das autoridades.

No mundo moderno, a Humanidade se defronta com problemas gravíssimos que podem mesmo conduzir à sua própria destruição. Alguns desses problemas são gerados pelo próprio homem, como a super-população, as megalópolis, o desmatamento formador de desertos, as guerras, a poluição, a aculturação das massas e a burocracia; outros são produzidos pela Natureza, mas podem ser controlados pelo homem, em um estágio superior de desenvolvimento cultural: a seca, as inundações e as pragas; outros, ainda, que constituem um desafio para a Ciência do futuro: as tempestades e as ventanias, os vulcões e os terremotos. Tais problemas só podem ser estudados e eventualmente resolvidos, pela difusão de uma alta cultura, que permita, inclusive, corrigir certas distorções geradas pela preocupação unilateral com o progresso técnico, em detrimento da formação humanística de todos os cidadãos.

## II - Os dois sentidos de uma palavra.

Permito-me fazer aqui uma pequena digressão a respeito da palavra "cultura"; este termo adquiriu, no correr da História, duas significações bem distintas.

1. Toda coletividade que tem um passado, e portanto uma história, desenvolve entre os seus componentes, pelos di

versos meios de comunicação, pela educação no seio das famílias e pelo ensino organizado, um conjunto de idéias, hábitos e conhecimentos ligados a essa história, transmitidos e enriquecidos de geração em geração e sedimentados pelo tempo. É esse conjunto que se chama a "cultura" dessa coletividade, que chamarei "cultura local". Ela se revela em todas as suas manifestações genuínas, como a língua, o sotaque, os gostos, os costumes, as regras de moral, as lendas, cantigas, danças, poesias populares, a medicina caseira e a culinária.

Neste sentido, o povo brasileiro, fruto de caldeamento de várias nacionalidades, com uma sedimentação de vários séculos, já possui uma cultura local riquíssima e de grande profundidade. E apesar da enorme diversificação entre as várias regiões, algumas das quais sofreram forte influência cultural de outros povos além do português, do índio e do africano, nosso povo demonstra uma unidade cultural invejável, dadas as dimensões continentais do seu território.

Até o fim da Idade Média, pode-se dizer que as culturas locais em todo o mundo se desenvolveram espontaneamente, tendo como fator de unidade a aceitação de um credo religioso, como o Budismo no Extremo Oriente, o Islamismo na Ásia Ocidental e norte da África e o Cristianismo em toda a Europa, sendo que este levou consigo a influência da cultura hebraica, consignada no Antigo Testamento. Nos povos mediterrâneos, particularmente nas nações ibéricas, houve também forte influência da cultura árabe.

2. Mas nos séculos 15 e 16, os povos mais desenvolvidos da Europa Ocidental, estimulados por diversos fatores, como a invenção da imprensa, a descoberta de novas vias marítimas e de novos mundos, a exumação dos tesouros artísticos e culturais do helenismo, descobriram um fato novo em toda a História da Humanidade: que o Homem pode, conscientemente e com o seu próprio esforço, promover a melhoria das suas condições de vida sobre a Terra.

Para esta convicção, que se foi formando aos poucos, a partir do movimento humanista iniciado na Idade Média, muito contribuíram as críticas aos preconceitos e tabus dominantes,



feitas por espíritos independentes, como Boccaccio, Rabelais, Erasmo, Thomas Moore e outros, as filosofias dos dois Bacon, as pesquisas e invenções de Leonardo Da Vinci, etc. O ensino, que era até então feito exclusivamente pela Igreja Católica, passou a ser o "ensino humanístico", desenvolvido por preceptores de grande saber ou em debates livres sob a orientação de grandes mestres. Abertos assim os horizontes do pensamento, foi possível a explosão científica dos séculos seguintes, construindo-se a cultura chamada greco-romana, baseada na livre discussão dos princípios filosóficos e no livre desenvolvimento da Ciência, como o instrumento fundamental para o conhecimento da Natureza e o conseqüente domínio do Homem sobre ela.

Essa cultura greco-romana é a base daquilo que hoje se chama, simplesmente, de "civilização, ou "civilização ocidental". E essa cultura do mundo civilizado tende a predominar sobre as culturas locais de outros povos e regiões, mesmo naquelas nações cuja cultura própria tenha um valor espiritual reconhecido universalmente. Em qualquer parte do mundo moderno, quando se diz que um indivíduo é culto, fica subentendido que, além de dominar a cultura do seu povo, ele tem formação humanística e portanto conhece os princípios fundamentais das ciências exatas, a História Universal e os sistemas filosóficos mais importantes; não se concebe um homem culto que não saiba quem foram Sócrates, Julio César, Michelangelo, Descartes, Cervantes, Shakespeare, Newton, Bach, Dostoievski, Einstein e muitos outros cujas obras fazem parte integrante da cultura ocidental. Esta cultura, que abre os espíritos para compreender o mundo com clareza, permite também sentir e apreciar todo o valor humano de cada uma das culturas locais. Em contraposição, a falta de cultura humanística num povo em desenvolvimento que absorve superficialmente os produtos da civilização, pode tornar esse povo insensível aos valores de sua própria cultura local, encarando algumas de suas manifestações como meros espetáculos; e o resultado é a falsificação e o desaparecimento progressivo de sua própria cultura.

### III - Difusão da cultura ocidental.

A imposição da cultura greco-romana e do humanismo não se fez pacificamente. Houve resistências que se prolongaram durante toda a história moderna e contemporânea e que perduram até os nossos dias. Na Europa, a principal oposição proveio da Igreja Católica, inconformada com a perda do monopólio do ensino e que não tolerava o menor arranhão nos dogmas sobre os quais baseava a sua doutrina; por esses motivos, levou à fogueira Giordano Bruno, vergou a resistência de Galileu e perseguiu ou hostilizou outros pensadores que ousaram raciocinar com independência, como Copérnico, Descartes e Spinoza. Mas vencida essa resistência, a Europa, particularmente nas partes ocidental, setentrional e central, incluindo o norte da Itália, conseguiu fundir suas culturas locais com a nova cultura, mantendo-se assim como sede da civilização. Em todos esses países foi adotado o ensino humanístico, baseado no estudo e livre discussão das humanidades - letras clássicas, História e Filosofia e das Ciências - Matemática, Física, Química, Biologia e, mais tarde, Psicologia, Sociologia e Política. Esse ensino acompanhou (às vezes com algum atraso) o desenvolvimento das ideias filosóficas e das ciências e assim possibilitou o desenvolvimento da Tecnologia e da Indústria, com o conseqüente melhoramento das condições de vida do homem sobre a Terra. É lamentável que essa tecnologia tenha tido também a aplicação mais danosa e repulsiva, na arte de matar, de destruir, de exterminar.

A expansão da civilização ocidental a outras regiões foi bastante variada. Assim, a Rússia foi beneficiada pela extraordinária visão de Pedro o Grande que, vendo o atraso em que estava o seu país, tratou de ocidentalizá-lo, importando as ideias das nações de vanguarda e atraindo pensadores e cientistas, formando desta maneira ao menos uma elite de alta cultura, responsável pela posição destacada que teve esse país na Ciência, nas artes e na Literatura, do século 19. O Japão, onde havia uma cultura local rica e profunda de mais de dois milênios, ao sofrer um revés na luta contra as forças dos países mais adiantados, que o invadiram e humilharam no século passado, verificou a tempo a importância da cultura ocidental e tra

tou de adquirir essa cultura, tornando-se em pouco tempo uma das mais ricas e fortes potências do mundo moderno.

Nos países colonizados e povoados pelos ingleses e franceses, a cultura ocidental foi transferida naturalmente, embora com consideráveis lacunas, já que os maiores detentores da alta cultura - os intelectuais, de um modo geral, nem sempre são dotados do espírito de aventura que caracteriza os colonizadores. No entanto, a fundação das grandes universidades norte-americanas, ainda no tempo de colônia, garantiu a implantação dessa cultura ao menos na elite dirigente dos Estados Unidos.

Já os colonizadores provindos de Portugal e Espanha, países que a partir do século 16 entraram em processo de decadência, preocuparam-se quase exclusivamente com o enriquecimento fácil e rápido que proporciona aos aventureiros sem escrúpulos a pilhagem e a escravidão dos autóctones, e mais tarde, a exploração do braço escravo caçado na África. E aconteceu que alguns contingentes de escravos trazidos à força eram possuídos por uma cultura local superior à dos colonizadores, o que explica, por exemplo, a revolta e o triunfo, embora transitório, das hostes de Zumbi dos Palmares, vencido afinal pela força das armas de Domingos Jorge Velho.

Muitos outros exemplos de resistência contra a cultura ocidental podem ser apontados na História dos últimos séculos; é verdade que essa cultura, que tende a se espalhar pelo mundo inteiro, vem frequentemente acompanhada de pressões econômicas ou de atos de pirataria e imperialismo. E os países que querem progredir com independência vêm-se colocados diante das alternativas: a) aceitar o alinhamento com um dos setores em que se divide o mundo civilizado, permanecendo em posição de dependência, com inevitáveis prejuízos econômicos e atraso intelectual; b) aproveitar-se das divergências entre as grandes potências para impor as suas condições e enriquecer materialmente; c) adquirir também essa cultura ocidental, único instrumento seguro para obter completa independência e alcançar o progresso tanto material como espiritual.

Como veremos, o Brasil ainda não escolheu a última al

ternativa, que é, sem dúvida, a mais lógica.

#### IV - O papel da Universidade.

Como disse acima, a cultura de qualquer coletividade se transmite, de geração em geração, por meio do processo chamado Educação. Esta é feita desde o berço, de modo que a criança vai, paulatinamente, adquirindo os hábitos impostos pelo meio ambiente. Uma vez adquirido o manejo da língua e, se for alfabetizado, da leitura e da escrita, torna-se possível completar a educação com o ensino das coisas mais necessárias para a vida em comum - princípios morais e religiosos, respeito aos direitos dos próximos, etc. Já nesse estágio, a educação e o ensino variam muito, conforme a comunidade a que pertence o indivíduo, atendendo às necessidades da vida em comum.

Mas no mundo civilizado, onde predomina a cultura greco-romana, existe um mínimo padronizado universalmente de matérias que fazem parte do currículo do ensino das crianças e dos adolescentes: língua pátria, Matemática, Geografia, História e rudimentos de ciências; a isto se acrescentam outras disciplinas que variam de país a país: latim ou outra língua estrangeira, educação artística ou religiosa, organização social, disciplinas técnicas, etc. Nos países civilizados, esse currículo é obrigatório e exige pelo menos 8 anos de estudos. Estes são completados por estudos mais aprofundados de Letras, Matemática, Química, Física, Biologia, Filosofia, Geologia, etc. indo até a idade de 16 ou 17 anos.

No entanto, impõe-se sempre o problema essencial, que é a formação das elites, isto é, dos elementos destinados aos cargos de direção ou assessoria, dos cientistas e professores, dos profissionais de alto nível - tecnólogos, médicos, juristas, escritores e artistas, pois é essa elite que pode e deve preservar o nível cultural já alcançado e promover o progresso e o desenvolvimento do país. No estágio atual da civilização, a formação dos elementos de elite compete, naturalmente, à Universidade. Esta instituição foi criada na Idade Média para ser

um centro de estudos e debates, reunindo professores e pensadores que se interessavam por todos os problemas do Universo (daí o seu nome). Sua criação se inspirou, em parte, nas afamadas aulas de Abelardo, com a troca constante de idéias e opiniões, com seus alunos e companheiros. Mas a universidade medieval, além da formação de profissionais, ficou durante muito tempo dominada pelos estudos de Teologia e Metafísica, mesmo quando os espíritos mais independentes começaram a aplicar o método experimental para o conhecimento da realidade, dando assim os primeiros passos na elaboração das ciências.

O desenvolvimento das ciências nascentes, nos séculos 17 e 18, foi portanto feito quase sempre à margem das universidades, recorrendo os cientistas de preferência às observações e experiências individuais, à troca de correspondência, à elaboração de livros e, posteriormente, à publicação de suas descobertas em revistas científicas ou apresentação de trabalho nas sociedades científicas e academias de ciências.

Mas a partir de meados do século 19, as universidades europeias absorveram o movimento científico, dando oportunade aos mais eminentes mestres de exercerem a atividade como professores e orientadores de pesquisas.

Assim se formou um novo conceito de universidade que, sob um certo ponto de vista, retoma a idéia que presidiu a criação dessa instituição na Idade Média: Universidade é o centro onde se reúnem as pessoas de mais alto nível intelectual e cultural, para estudar, debater e resolver os grandes problemas que se apresentam ao espírito humano, no estudo e na comprensão do Universo. Apenas com uma diferença: na Idade Média, os grandes problemas do espírito eram os da vida eterna, das doutrinas de Moisés, dos profetas bíblicos, de Cristo, Paulo de Tarso e João Batista, assim como da filosofia dos grandes mestres da Igreja Católica; ao passo que no século 19, os problemas mais importantes eram aqueles que permitiriam transformar por completo a existência do homem civilizado, durante a sua vida terrena: a Ciência, a Filosofia, a Tecnologia, a Medicina, a Jurisprudência, etc., devendo tais problemas ser debatidos.

dos livremente, sem dogmas ou preconceitos.

Com a concentração de cientistas de vários ramos do saber, de filósofos, sociólogos e historiadores, todos empenhados na procura do conhecimento do mundo real, a Universidade torna-se assim a principal mola propulsora do progresso, estendendo a sua influência aos mais diversos setores da vida de uma nação. Essa influência é exercida através dos diversos meios de comunicação, publicação de livros e revistas especializadas ou escritos de vulgarização científica, etc. e, principalmente, através do preparo das novas gerações, dos indivíduos que, seja como profissionais de alto nível, seja como cientistas e professores, vão levar o espírito da Universidade a toda a população.

Nos países do mundo civilizado, as universidades respondem, de um modo geral, a essa descrição. Muitas delas têm as suas editoras próprias e divulgam seus trabalhos em atas e outras publicações periódicas ou séries de livros. Algumas se desdobram em institutos de altos estudos ou de pesquisas tecnológicas, museus, hospitais, etc. Além disto, para cada especialidade existem sociedades científicas, academias de letras e de ciências, e seus professores são incentivados a participarem de simpósios, colóquios e congressos internacionais.

No Brasil existem, certamente, alguns centros onde se desenvolve uma atividade de pesquisa em estreita colaboração-e às vezes em posição de dependência- com os centros estrangeiros. Mas a maior parte dessa atividade é devida a iniciativas individuais ou de grupos, alguns dos quais fazem ciência quase que à revelia da organização social e política dominante. Quanto às universidades (mesmo pondo de lado as numerosas escolas superiores improvisadas, que despejam anualmente fornadas de profissionais incompetentes), são, em geral, meros agrupamentos de faculdades preexistentes, frequentemente burocratizadas e em decadência, dando como resultado pseudo-universidades de mentalidade retrógrada, onde mal se vislumbra uma ou outra atividade científica, levada a efeito por algum heróico pesquisador.

Tomo a liberdade de transcrever aqui um trecho de uma carta que enviei a uma jovem cientista em viagem de estudos no exterior, como eu revoltada contra a estagnação da universidade em que ambos ensinamos (estando eu agora aposentado). Segundo testemunhos de colegas e amigos, os juízos aqui expostos se aplicam a muitas outras universidades brasileiras:

"... . Os professores estrangeiros que por aqui aportam, ou entram numa luta inglória contra a mentalidade dominante de professores e alunos, ou se acomodam, e o ambiente continua quase o mesmo; existe algum progresso, não há dúvida, mas este representa uns 10 ou 20 % do que seria lícito esperar de um meio mais esclarecido. E tudo por que? pelo ridículo sentimento de orgulho e susceptibilidade, pois os que já têm títulos e cargos de mando recusam-se a admitir a própria ignorância e a necessidade de refundir as suas convicções. Assim, há muito tempo me convenci de que o meu papel aqui, além das aulas, limita-se a plantar sementes. No deserto? talvez nem tanto; mas, ainda que o fosse, mesmo no deserto um dia pode chegar e as sementes poderão germinar".

No dia em que o Brasil tiver um governo com a visão e a mentalidade do czar Pedro o Grande ou do imperador Meidji, então terá início a nossa entrada para o rol das nações civilizadas.

Salvador, 3 de março de 1977

OMAR CATUNDA